

OPINIÃO

Ausência de compromisso com Brasília



MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

Fui outro dia ao Conjunto Nacional e andei a pé pelas vias de circulação da plataforma superior da Rodoviária. Fiquei satisfeito por não ver mais aquela miórdia de vendedores ambulantes se atropelando pelos calçadões afora. Formava-se, em todo seu perímetro, algazarra de verdadeiro mercado persa. A bagunça tomava conta de tudo. Tornava-se desconfortante circular nos poucos espaços livres entre os diversos estabelecimentos comerciais ali existentes. Com a remoção dos camelôs, o tráfego ficou fluente para passagem dos transeuntes. Acabaram-se a gritaria, os empurrões, as brigas, o xingatório, a balbúrdia desenfreada. Vi que medidas administrativas haviam sido tomadas para restabelecer a ordem.

A partir do momento em que Brasília passou a eleger seu governador, a demagogia se implantou nos corredores do poder. As facilidades de atuação comercial, que deveriam merecer enérgica fiscalização do GDF, viraram rotina consentida. As autoridades omitiam-se do dever de agir e, assim se pautando, os abusos tomavam forma de coisa legal. Bastava que os interessados se organizassem em movimentos vindicativos, de preferência associações de classe, para que práticas ilegais se consolidassem. Em busca de votos, a administração cedia ao poder de pressão dos associados, e o resto se resolvia como decorrência implícita. Enfim, com a leniência reinante, a par do poder de pressão das entidades para isso instituídas, o resto vinha por gravidade. Explica-se, assim, a desordem dominante nas ruas da cidade.

De todo conjunto de irregularidades cometidas, o mais castigado é o da ocupação irregular de terras, tanto urbanas quanto rurais. Saber precisamente o que sejam umas e outras é tarefa penosa. A abundância de condomínios à margem da lei disseminou-se por todos os lados. Por falta de políticas de contenção da avalanche de invasões, o quadro que hoje se descortina é de desalento. Cruzaram-se os braços quando o mal podia ser evitado. Não há outra solução a fazer senão tentar equacionar o problema, verificando o que é ainda possível dispor. A capacidade criativa



das autoridades tem que ser posta à prova para saber mover as peças nesse tabuleiro de xadrez. O impasse é delicado e impõe solução inadiável. Com a regularização de alguns condomínios, deu-se o primeiro passo para minimizar a balbúrdia imposta pela negligência e irresponsabilidade de gestões emudecidas.

A revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal (Pdot), em tramitação na Câmara Distrital, é instrumento de suma importância na busca de equação do caos instalado. A iniciativa da proposta já foi apresentada pelo GDF, discussões foram promovidas com setores envolvidos, tendo o tema sido debatido pela Câmara Legislativa, com o que se espera possa pôr termo imediato à falta de adequada regulamentação do solo urbano. É herança abominável que nenhum administrador sério pode relegar. Governos passados não tiveram firmeza política para enfrentá-la. A volúpia pela ocupação desordenada de terras no DF é ato criminoso que não pode merecer complacência de ninguém. A passividade de administrações que nada fizeram remete ao atual governo o que nenhum agente responsável pode mais adiar. Se a indefinição persistir, cada vez mais o perigo se agrava.

Seria injusto não reconhecer que ações empreendidas no presente momento pelo GDF têm sido ousadas e oportunas. Várias são as medidas até aqui adotadas que, embora desgastantes pela incompreensão das partes diretamente atingidas, certamente sopegadas e avaliadas, ganham densidade na

consciência dos que desejam uma cidade expungida de malefícios e erros. Administrar é correr riscos. Quando se corre risco na perspectiva de ações fundadas no bem público, ainda que se perca na concepção de uns, haverá sempre quem as aplauda.

Ninguém pode negar que a extinção do Instituto Candango de Solidariedade e consequente demissão de milhares de servidores, com economia para os cofres públicos, não tenha sido política acertada. A redução de cargos de confiança dos quadros do GDF; a fiscalização para que não se verifiquem novas invasões de terras públicas; a implosão de esqueletos de prédios condenados; a remoção de construções populares de áreas públicas nas cidades-satélites; a retirada das vans como meio de transporte na capital, entre outras providências executadas, são atos de gestão que se impunham ser assumidos.

Não se pode desconhecer que arrostar incômodos dessa ordem traz incompreensão dos grupos contrariados. A missão precípua de quem se propõe a administrar uma cidade deve ser a de zelar, em primeiro lugar, pelo bem comum. Quando se invertem os papéis e o administrador faz apenas o que rende votos, descumprindo os deveres de honestidade e lisura administrativas, aí, sim, é sinal de que não é digno do respeito do povo. A política de ruína seguida por governos irresponsáveis foi a pior mazelada de que Brasília foi vítima. A demagogia barata, a insanidade administrativa e o desrespeito ético, prazam os céus que a cidade jamais os possa ter de volta.

Doze filmes históricos. E cinema dos bons



JAIME PINSKY
Historiador e diretor da Editora Contexto
www.jaimepinsky.com.br

Confundir narrativa histórica e ficcional é muito freqüente. Não por acaso muita gente ainda acha que as novelas que antecedem e sucedem o *Jornal Nacional* fazem parte integrante do noticiário. Com a moda dos romances históricos, onde a invenção é livre, a confusão chega à classe média, convencida de que Down Brown revelou segredos até então sonegados sobre uma suposta descendência de Jesus. Bobagem, é claro.

Confusões não nos devem fazer esquecer a importância de obras de ficção para o conhecimento histórico. Machado de Assis, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa nos ajudam a desvendar aspectos da sociedade brasileira. Balzac, Dostoiévski e Philip Roth oferecem painéis reveladores da França, Rússia e Estados Unidos. E há um bom número de filmes realmente imperdíveis para quem quer ir um pouco além dos explosões, da linguagem vulgar, das comédias de humor óbvio e da dicotomia primária pobres bons contra ricos maus.

Muita gente me pergunta se filmes podem nos ajudar a compreender a história. Podem. Aqui vai uma lista de 12 deles, dos bons. São filmes históricos no melhor sentido do termo, mesmo que sua intenção inicial não tenha sido essa. Vale a pena vê-los.

Como era gostoso o meu francês: Nelson Pereira dos Santos em grande estilo. O encontro de portugueses, franceses e índios, em

pleno século 16, num filme curiosamente falado em tupi, com legendas. Para entender a formação do Brasil.

As bruxas de Salem: belíssimo filme sobre a intolerância oriunda de verdades ditas absolutas e inquestionáveis. Dá conta de aspectos da formação da sociedade americana, fundamentais para entender o comportamento da política interna e externa da era Bush.

Casanova e a revolução: filme exemplar que conta a história "por dentro", isto é, utiliza-se da micro-história para narrar a macro-história. De resto, é uma obra de mestre sobre um período fundamental da história do mundo ocidental.

O grande ditador: embora pudesse escolher outros filmes históricos de Chaplin, como *Tempos modernos* (que trata do fordismo), essa é uma obra genial que não pode ficar fora de qualquer lista. Sua imitação de Hitler faz parte de qualquer antologia do cinema.

Queimada: é o grande filme sobre o colapso do sistema colonial e a hegemonia inglesa. Inteligente, articulado, fantasticamente protagonizado por Marlon Brando, *Queimada* deveria ser obrigatório para os estudantes a partir de 11 anos de idade.

Reds: mais de três horas de duração, três Oscars conquistados por esse surpreendente filme que narra a revolução russa de outubro de 1917 pela óptica de um jornalista americano. As coisas ficam mais difíceis quando ele resolve levar a revolução socialista para o seu país de origem.

Spartacus (tem que ser o original, de 1960, com Kirk Douglas protagonizando e direção de Stanley Kubrick): idealização dos escravos romanos, a partir do livro homônimo de Ho-

ward Fast. Mesmo assim, raro exemplar de desconstrução da estrutura de poder de Roma e de percepção dos limites da luta política por parte dos escravos.

1900: epopéia que narra o processo de conscientização de camponeses italianos submetidos aos grandes senhores, durante a primeira metade do século 20. Saga feita com a habitual competência de Bertolucci, idealiza os oprimidos, sataniza os ricos, mas é grande cinema e excelente referência histórica.

Uma cidade sem passado: filme eletrizante mostra pesquisa histórica imbricada com o cotidiano dos habitantes de uma pequena cidade alemã depois da Segunda Guerra Mundial. Diferenças entre história e memória, subterfúgios para esconder documentos e criar uma história oficial, tudo se cruza nesse filme alemão extraordinário.

Adeus, Lênin!: outro filme alemão extraordinário mostra o fim do socialismo real e seus reflexos numa família cuja matriarca tinha sido uma militante comunista convicta. Cruel, irônico e brilhante.

A lista de Schindler: o filme navega entre a narrativa histórica confiável e equilibradas doses de emoção. E, melhor que tudo, dá a dimensão do que aconteceu aos judeus e aos alemães, uns sendo esmagados, outros esmagados, mas ambos perdendo muito de sua dimensão humana.

A última ceia: não confundir com um americano homônimo. Esse filme é do cubano Thomas Gutierrez, de 1978, e lida com a relação entre os senhores brancos e os escravos negros. Trabalha tanto com as relações de poder quanto com a ideologia engendrada a partir dessa prática e vale para qualquer país onde a escravidão tenha desempenhado papel importante, como o Brasil.



ARI CUNHA
visto, lido e ouvido

Desde 1960

aricunha.df@diariosassociados.com.br
com Circe Cunha // circecunha.df@diariosassociados.com.br

Direitos humanos

Estão comemorando no mundo a assinatura da Declaração dos Direitos Humanos há 60 anos. Não vi referência à presença do Brasil. Austregésilo de Athayde representou a inteligência e a cultura brasileiras. Era carta com valor internacional, em que se respeitava o poder e a vida livre de todo cidadão. Direitos alcançados são balela. Países ricos continuaram escravizando povos. Florestas da África e América do Sul ficaram sem as melhores madeiras. Foram para os escritórios elegantes dos povos endinheirados. Navegadores mercenários já tinham o destino para o material trazido livremente, apesar da fiscalização internacional. O trabalho do antigo diretor dos Diários Associados no Rio de Janeiro foi minucioso e eficiente. Conversando com ele, vi a decepção do resultado final. E contou que todo o entusiasmo dos representantes de vários países não serviu para demover os escravocratas. Assim continua até hoje. Discordamos. Não foi trabalho burlesco. O que ficou da carta é o que o mundo sabe que foi sugerido. E, se decidido não foi, ponha-se a culpa nos ricos, que agora estão olhando para os pobres. Não para ajudar, mas receber ajuda dos que trabalharam e hoje começam a existir numa vida mais honrosa em proveito da família.

A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

“Lembrem-se que existem muitos prazeres além do trabalho.”

Industrial Fausto Salim, deixando de lado o trabalho gráfico da gráfica Charbel, com a alegria de quem vive para a vida.

Hospital Distrital

Sávio Pereira Lima era diretor. Campos da Paz aqui chegou e dirigia a ortopedia do Hospital Distrital. Um dia estava no aeroporto. Voltava para o Rio. Sávio soube. Foi para a fila para receber a ficha. Campos perguntou o que ele fazia. Estou indo embora também. Os dois se abraçaram e voltaram. Assim nasceu a verdadeira medicina de Brasília.

Fez falta

Na festa do Senado em homenagem ao Hospital Sarah faltou o Lelé. Amigo dedicado, não pôde vir. Serve lembrar a figura do criador de linhas que se especializou na arquitetura de hospitais. Essa a razão da unidade dos hospitais Sarah no Brasil. Todos bem-equipados e com estrutura física da maior conveniência para pacientes e funcionários.

Pit bull

Agonia em Congonhas. Um avião vindo de Campo Grande chega a São Paulo. Quando vão abrir o porão, um pit bull solto. Seu dono embarcou o animal acomodado. O tranquilizante não foi suficiente. Ele soltou-se. Foi preciso chamar pessoal especializado para salvar funcionários e o animal. No final tudo deu certo.

Suspensa

Diante de todas as dificuldades, Brasília conserva

o humor carioca. E-mail endereçado a amigos fez que a cidade tomasse conhecimento. A mensagem é curta e diz assim: “Devido às quebras de bancos e das bolsas, aos cortes no orçamento, à crise nos combustíveis e ao racionamento mundial de energia, informamos que a famosa ‘luz no fim do túnel’ está temporariamente desligada”.

Bianchetti(s)

Glênio tem cultura artística na família. Ao lado de Leonardo Bianchetti, está aberta a exposição de final de ano. É na MI 8 Cj.2 Casa 17. No caminho do Paranoá. Depois do trevo, no Setor de Mansões, a placa da família é customizada. Vale a pena conhecer as obras.

Proteção

Casos de câncer de pele aumentam. O Ministério da Saúde, secretarias de Saúde, todos alertam para a importância de proteger a cutis. Na prática, as escolas públicas não protegem seus alunos em aulas de educação física. O Ginásio de Esportes é tão importante quanto as salas de aula.

Musicada

Festa no Teatro Barreto Júnior, em Recife. Artistas se reuniram para comemorar os 40 anos da Oração de São Francisco com música do padre Irala. O religioso participou do show *Oração e arte*. Alegria de ver seu sucesso e do santo rezados por todas as gerações.

HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Sem se lembrar do calendário que marca os seus dias, o sr. Plínio Salgado emerge da tumba política para declarar que o integralismo nasceu para combater o fascismo. O mesmo calendário marcou a glória do integralismo ao tempo da ditadura, (Publicado em 19/1/1961)